

Líderes recusam convite para almoçar com Collor

Congresso

17 MAI 1991

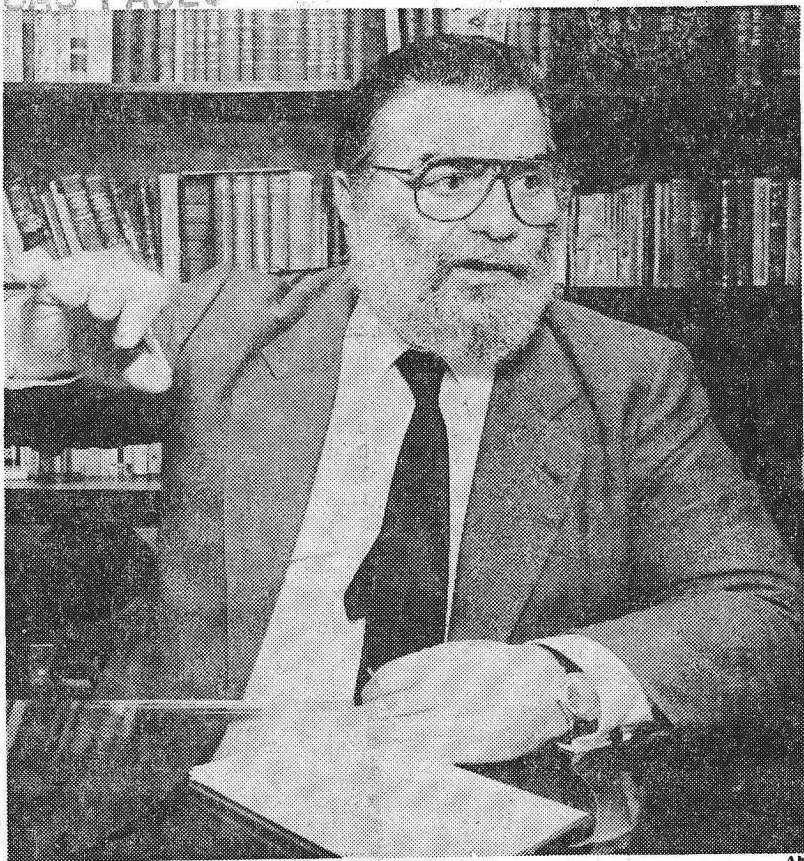
ESTADO DE SÃO PAULO

BRASÍLIA — A primeira tentativa do presidente Fernando Collor de ampliar sua base de apoio no Congresso depois da mudança na equipe econômica ameaça fracassar. Ontem, os líderes do PDS, PDC, PL e PTB recusaram o convite para um almoço segunda-feira com Collor, o ministro Marcílio Marques Moreira e a nova equipe. “Não queremos apenas fazer figuração”, justificou o líder do PDC, deputado Eduardo Siqueira Campos (TO), depois de combinar uma reação conjunta com os colegas que não integram o bloco governista nem se aliam à oposição ao presidente.

Sem a garantia de que poderão efetivamente participar do governo e influir nas decisões, os líderes que já votaram ocasionalmente com o Palácio do Planalto preferiram não precipitar a reconciliação. “Eu não vou”, comunicou o líder do PL, deputado Ricardo Izar (SP), ao líder do bloco governista na Câmara, Ricardo Fiúza (PFL-PE).

Pouco antes, nos corredores do Congresso, Fiúza já tinha ouvido a explicação crítica do líder do PDS, Victor Faccioni (RS): “Não podemos ir para mais uma cena.” O deputado Gastone Righi (SP), líder do PTB, esquivou-se: “Já tenho um almoço programado.” Gastone levantou a suspeita de que o convite do presidente não passasse de mais um “acontecimento social filmado para a televisão”.

Fiúza, surpreendido com o recado dos líderes, mal conseguiu reagir. “A intenção de Collor é consolidar uma base de apoio e, obviamente, os líderes passarão a ter co-



Gastone: “acontecimento social filmado para a televisão”

nhecimento prévio das propostas a serem encaminhadas ao Congresso”, explicou. “O presidente quer apresentar a equipe econômica”, acrescentou o líder do governo no Senado, Marco Maciel (PFL-PE). “Quem não quiser ir, então não vá.”

Siqueira Campos disse que ainda vê com desconfiança a anunciada mudança de estilo do governo Collor, que, segundo anunciou Fiúza, incluiria uma relação “mais amigável” com os políticos. “Até agora só nos trouxeram

fatos consumados”, reclamou. O vice-líder do bloco governista, deputado Arnaldo Faria de Sá (PRN-SP), tentava desfazer a desconfiança de seus colegas. “Com a saída de Zélia, acabou a intransigência do governo”, garantiu. Ele viu na nomeação do presidente do Banco do Brasil, Lafayette Coutinho — que na véspera da posse já se apressava em garantir prestígio aos políticos —, o “primeiro sinal dos novos tempos de sintonia com o Congresso”.